



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



GABRIELA CAMARGO DA SILVA OLIVEIRA

**ESTÁGIO OBRIGATÓRIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE UMA
PEDAGOGA EM FORMAÇÃO¹**

CORUMBÁ MS

2024

¹ Texto aceito e apresentado no dia 03/10/2024 na XXI Semana da Educação e I Semana Integrada Pedagogia e Pós-Graduação em Educação CPTL/UFMS. Aguardando publicação do trabalho nos Anais do evento.



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



GABRIELA CAMARGO DA SILVA OLIVEIRA

ESTÁGIO OBRIGATÓRIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE UMA PEDAGOGA EM FORMAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso (relato de experiência) apresentado como exigência do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus do Pantanal, para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação do Profa. Dra. Rosimara Silva Correia.

CORUMBÁ MS

2024

RESUMO

O relato de experiência retrata a vivência de estágio na Educação Infantil com crianças bem pequenas (de 1 ano e sete meses a 3 anos e 11 meses) em unidade pública no município de Corumbá-MS. Turma de Nível I com 10 meninos e 8 meninas. Uma das crianças possui o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e uma criança com nacionalidade boliviana que utiliza o espanhol como primeiro idioma. As crianças estão inseridas no Centro de Educação Infantil localizado em um bairro com uma população diversificada em seu contexto histórico-social. Na sala de aula estavam presentes uma professora regente, duas professoras auxiliares e uma estagiária em pedagogia, a autora deste relato. O estágio foi realizado sob a supervisão da professora supervisora e da professora orientadora da disciplina de Estágio Obrigatório da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. O estágio teve como base um Projeto de Intervenção, por meio do brincar, as vivências tiveram como base o diálogo sobre o meio ambiente que englobou os cuidados com a natureza e os animais; a preservação dos recursos naturais e as atividades com materiais recicláveis e reciclados. As interações com as crianças foram permeadas pelo sentimento de confiança construído ao longo das vivências por meio das aproximações, interações e diálogos. O planejamento, as ações e as interações do estágio se tornaram possíveis a partir das teorias, observações e diálogos construídos durante todo processo formativo, seja na universidade ou na instituição de Educação Infantil. Como principais discussões e resultados, destacamos a realização do Projeto, com base na teoria histórico cultural, cujo foco foram as interações de qualidade e o despertar da curiosidade epistemológica desde a primeira infância permeado por uma convivência respeitosa entre todas as crianças e as pessoas adultas presentes.

Palavras-Chave: Educação infantil, estágio, interações, meio ambiente, brincar.

Introdução

O presente relato de experiência tem como objetivo compartilhar as minhas experiências como estudante do curso de Pedagogia, na disciplina de Estágio Obrigatório na etapa da Educação Infantil. De maneira singular e transparente, com a simplicidade de quem está em processo formativo constante e em busca por uma formação que me aponte caminhos para a busca constante por uma aprendizagem de máxima qualidade e convívio respeitoso para todas as crianças.

O relato é baseado nas aulas teóricas e nas práticas realizadas no Estágio Obrigatório na Educação Infantil (crianças de 0 a 3 anos), em unidade escolar no município de Corumbá que atende crianças de 0 anos a 5 anos e 11 meses. O estágio se deu com crianças de aproximadamente 2 e 3 anos, em uma turma mista de 10 meninos e 8 meninas, com uma criança diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e uma criança estrangeira (oriunda da Bolívia) que apresentava como língua materna o espanhol. A ementa da disciplina tem como base as discussões

acerca das concepções teóricas que envolvem o conceito de estágio e os processos de investigação e problematização de experiências teórico-práticas da docência, cujos objetivos foram: reconhecer a escola como locus de formação docente; vivenciar processos educativos no avanços, compreendendo a realidade histórico-cultural do espaço escolar; analisar práticas pedagógicas sob a luz das teorias desenvolvidas durante o desenvolvimento do curso de Pedagogia; planejar, desenvolver, registrar e avaliar práticas pedagógicas no âmbito do estágio. Os registros, o planejamento e a avaliação foram concretizados por meio das intervenções do projeto, questionário para documentação de estágio e realização de portfólio como produto final exigido pela professora orientadora do estágio.

Para tal, a professora orientadora se reuniu com Secretaria da Educação para apresentar este novo formato de estágio, pois anteriormente era proposto uma regência de 50 minutos, como nas escolas de Ensino Fundamental. Após o diálogo na Secretaria, a professora se dirigiu a cada escola e apresentou um estágio que ia além de observações participantes, mas apresentava a proposta de realização de um projeto pelos estagiários e estagiárias em parceria com as professoras supervisoras. Com isso, não teríamos a vivência de uma regência, mas a realização de um Plano de Intervenção, com etapas de observação participante, elaboração de projeto, execução de projeto e culminância do mesmo.

A primeira ideia de construção do projeto levou em consideração a nossa localização, uma região pantaneira e de fronteira. O cerne do projeto foi o diálogo sobre o meio ambiente que englobou os cuidados com a natureza e os animais; preservação dos recursos naturais e atividades com materiais recicláveis e reciclados. O desenvolvimento das ações teria como base orientações e relações entre os cuidados com o meio ambiente, a importância da preservação e a relação com a nossa saúde e bem estar. A proposta englobava a reutilização de materiais descartáveis, transformando-os em objetos de brincadeira como foco na aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Ao longo do texto será apresentado todo o percurso de elaboração e desenvolvimento do projeto, assim como o espaço, as interações e principais aprendizagens da vivência desse estágio. De acordo com Ostetto (2010):

(...)foi (e é) preciso andar pelos lugares em que se dão as práticas educativas, para reconhecer os espaços concretos das relações entre adultos e crianças de zero a seis anos. Foi (e continua sendo) fundamental ler e conhecer o contexto das instituições de Educação Infantil, para buscar diálogo, para construir aquela competência profissional almejada, para garantir, enfim, a qualidade defendida. (OSTETTO, 2010, p. 21)

Diante disso, apresento a minha experiência, fruto de um caminho traçado por muitas pessoas, cujos personagens principais foram as crianças e a intensidade de como vivenciam o dia a dia na instituição de Educação Infantil.

Os primeiros passos

Para iniciarmos nosso diálogo, é preciso ter o conhecimento acerca das legislações no campo da Educação Infantil em nosso país. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) estabelece regras e diretrizes para a organização da Educação no Brasil e define a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica e estabelece os princípios, objetivos e diretrizes para a sua organização e funcionamento. Determinando como finalidade da Educação Infantil o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos e onze meses de idade, em seus aspectos: físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade. A partir disso, destacamos as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, que é considerada o documento central para que se pense as propostas pedagógicas para este segmento, cujo foco determina-se que são as interações e as brincadeiras (BRASIL, 2009).

O estágio em Educação Infantil do curso de Pedagogia é oferecido pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - Campus Pantanal após o cumprimento de algumas disciplinas, que são pré-requisitos para a realização dos estágios obrigatórios que possibilita vivências necessárias para formação e aprendizado de como trabalhar efetivamente nas escolas, enquanto educadores na Educação Infantil. Dessa maneira, decidimos em conjunto, realizar observações participantes e desenvolver o projeto proposto sob um olhar atento aos interesses das crianças, com foco na aprendizagem e desenvolvimento das crianças que engloba o reconhecimento de conhecimentos partilhados em suas casas e na comunidade em que estão inseridos.

Escolhi uma escola próximo a minha residência, com uma estrutura e equipe

referenciadas positivamente pela comunidade escolar e comunidade do entorno. Sou moradora deste bairro e aproveitei a oportunidade para conhecer o Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI) que fica localizado próximo a minha residência. A partir da escolha, foi possível ir até a escola e dar início ao estágio. O nível escolhido foi o II, com crianças entre 2 a 3 anos de idade. A turma possui uma professora regente e duas professoras auxiliares.

O Centro de Educação Infantil fica localizado em uma área de morros, com vegetação característica pantaneira. Na entrada, tem uma vista linda de um morro com vários ipês coloridos e floridos. O Centro Municipal de Educação Infantil possui: sala de professores, direção, coordenação, secretaria, entrada com cadeiras para acomodar familiares e pessoas que procuram o local, banheiro para equipe escolar, nove salas de aula (algumas com banheiro adaptado para as crianças dentro da sala), brinquedoteca, refeitório com cozinha, solário, pátio interno, áreas verdes e área recreativa.

O estágio teve duração de 72 horas divididas em três dias na semana, com duração de 4 horas e orientação de estágio semanalmente que envolvia planejamento e discussão das vivências propostas no projeto. O início do meu estágio se deu no mês de março com término em junho. Vale ressaltar que os meses de março e abril foram dedicados à observação participante, que consistiu no reconhecimento, aproximação e desenvolvimento de vínculo com as crianças e profissionais do ambiente escolar, além da minha ambientação com as práticas em Educação Infantil. Dessa forma, o Plano de Intervenção foi realizado nos meses de maio e junho. Com base nas observações e orientações das professoras orientadora e supervisora do estágio, foi possível definir o tema, o calendário e as ações para compor o projeto e as intervenções.

Vale ressaltar, que nem todos os estudantes relataram essa receptividade, porém o foco é a nossa formação, sendo que o ideal é o envolvimento e o comprometimento de ambas as partes (universidade e escola), cuja expectativa é vivenciarmos experiências únicas, que nos mostrem novos caminhos e possibilidades diante do desafio de ser uma profissional comprometida com uma educação que vislumbre qualidade máxima para todas as crianças. Diante disso, apresentarei o projeto e o seu desenvolvimento.

Projeto: elaboração e ação

Estamos localizados em uma região pantaneira que faz fronteira com a

Bolívia, além de ter vários migrantes e imigrantes em nosso município. Diante desse cenário múltiplo e diverso, vivemos e convivemos com diferentes pessoas, de culturas e idiomas distintos, ou seja essa cidade e a escola é um local plural e desafiador, com necessidade de olhar atento para cada criança dentro de um coletivo tão diverso. Paulo Freire (1996) enfatiza a necessidade de defendermos a unidade na diversidade para a construção de um mundo mais bonito, ou seja, é importante transformar o contato, entre diferentes grupos e pessoas, em convívio, para construirmos conjuntamente possibilidades de igualdade e aprendizagem mútua. Precisamos nos educar na diversidade para a igualdade (MELLO et al., 2012).

Neste sentido, a escola deve ser vista como o lugar central na:

(...) construção de uma sociedade em que a diversidade seja valor positivo. Também evidencia a necessidade de atuação dos profissionais da educação, em colaboração com familiares e comunidade ao entorno, para a construção de uma escola para todos e de desenvolvimento local. Diálogo e comunicação, assim, são fundamentais. (MELLO et al., 2012, p. 17)

Vale salientar, a diversidade presente no nosso bioma, na nossa população, na nossa região e público-alvo das ações do projeto. O tema abordado foi o meio ambiente e o brincar, permeados por vivências lúdicas, brincadeiras e interações. Os temas que permearam as atividades propostas foram: lixo e reciclagem, mosquito da dengue, desperdício de água, plantio de árvores e criação de horta. A realização do projeto possibilitou o despertar da curiosidade epistemológica das crianças, ou seja, a oportunidade de propiciar para as crianças desde a primeira infância estímulos investigativos e o interesse pelo meio do ambiente que estão inseridos. A proposta do projeto integrava socialização, meio ambiente e respeito às diversidades.

A realização do projeto, respeitou a livre expressão das crianças e as manteve como protagonistas para que pudessem se expressar e ter autonomia diante dos desafios das aprendizagens. O projeto foi realizado dentro e fora da sala de aula, em espaço externo, com árvores e jardim, propiciando parte de sua realização ao ar livre, em contato com a natureza e em diferentes ambientes com interações de qualidade ao longo de cada atividade. O projeto levou em consideração a Base Nacional Comum Curricular, com o intuito de possibilitar a formação de sujeitos críticos, atuantes e conscientes da sociedade em que estão inseridas, com incentivo à troca de experiências e interações de qualidade das crianças e das pessoas adultas no ambiente

escolar e familiar (BRASIL, 2018).

O desenvolvimento do projeto de intervenção foi permeado por várias propostas de vivências. São elas: “Atividade da Chamadinha”, “Plantando Feijões”, “Garrafas Sensoriais”, “Caça ao Mosquito da dengue”, “Pintores em Ação”, “Reciclando e Brincando com o Bocão”, “Caixa de Experimentações”, “Cineminha” e foi finalizado com um vídeo que reunia todas as atividades. Vale ressaltar que todas as vivências foram flexíveis a mudanças, tendo em vista as necessidades das crianças, consideradas como sujeito de todo processo educacional e formativo.

Os recursos utilizados foram: materiais recicláveis, recursos naturais, tinta guache e recursos disponíveis no ambiente escolar durante a realização das vivências. Neste relato, apresentarei a atividade “Pintores em Ação” por conta do seu impacto na realização tanto para mim quanto para os profissionais da escola, sendo a que despertou mais entusiasmo nas crianças, de acordo com a minha observação e avaliação. O espaço pensado e planejado foi o externo, com visibilidade para os morros do bairro, com vegetação e ao ar livre com o intuito de explorarem a imaginação e os sentidos, pintando telas de papelão reciclado.

Para tal, antes da realização da vivência foi necessário um esquema de organização: a busca por caixas de papelão descartadas pela população (busquei em mercados, pedi para colegas e juntei cerca de quarenta caixas de papelão para iniciar a confecção dos materiais principais). Com o papelão coletado, recortei pedaços retangulares com cerca de 30 x 80 cm para utilizar como tela de pintura, depois, reproduzi um molde de paleta de tinta e recortei o papelão restante com esse molde. Foram recortadas vinte telas e vinte recortes com formato de paleta para tintas. Depois fui em busca de tampas de garrafas pet, 100 (cem) tampinhas foram coletadas para serem coladas nas paletas e servirem como recipiente para colocar tinta guache. No dia da vivência foi possível foi colocado o papelão retangular no chão, em área de contrapiso, na área externa a sala de referência com vista para um morro que é ponto turístico para Cidade, o Morro de São Felipe ou popularmente conhecido como Morro do Cristo. Nesse dia, a temperatura estava amena e os ipês floridos iluminavam o olhar das crianças e pessoas adultas.

Com as telas no chão, colocamos as paletas de tintas ao lado, com tinta guache nas tampinhas de garrafa. As crianças utilizaram os dedos e mãos para pintar, as professoras também foram convidadas para realização da atividade e participaram da mesma. As crianças puderam se expressar livremente e aproveitaram os espaços e

os materiais, dividindo e interagindo, os dois lados das telas de papelão e as paletas também foram pintadas e desenhadas. Com isso, conclui-se o quanto as crianças se comprometeram e apresentaram alegria na realização da atividade.

Vale ressaltar, que os diálogos feitos sobre a importância de reutilizar materiais reciclados, demonstram juntamente com sua prática, a relevância da importância do cuidado com o nosso planeta. Com isso, sementinhas de cuidado foram plantadas no terreno fértil e propício à germinação presente em cada criança. Ao finalizar a atividade, colocamos as telas no sol para secar, guardamos as paletas para serem reutilizadas em outras atividades e as crianças fizeram o lanche enquanto aguardavam as telas secarem. Depois de secas, organizamos uma exposição das obras de artes, cujos pintores eram as crianças e com isso reafirmamos a valorização da criança enquanto sujeito protagonista de sua história dentro de um coletivo seguro e afetivo. Outra atividade que realizamos foi da “Caixa de Experimentação”. Troquei os habituais cestos e caixas plásticas, aquelas utilizadas para guardar os brinquedos na Educação Infantil, por caixas de papelão com tamanhos variados. Novamente fui em busca de objetos, materiais e utensílios, todos oriundos de descartes, reutilizáveis, tudo que pudesse virar brinquedo e/ou brincadeira para as crianças, materiais antigos e sem uso (vasilhas de cozinha, talheres, jogos etc.). Separei os materiais e objetos procurando um padrão para cada caixa, por exemplo, cada caixa com: vasilhas plásticas, materiais de tecido, papelão, jogos, tampinhas, garrafas, potes de alumínio, talheres, materiais que sobraram de festas de aniversário infantil (pote de doce, forminhas e cachepô), materiais variados e coloridos. A escolha se deu a partir da observação atenta das crianças em relação às interações durante as brincadeiras e as curiosidades presentes em relação a encaixes e exploração de objetos que não eram brinquedos convencionais.

A atividade foi realizada na área externa debaixo da sombra de uma árvore, cujas folhas passaram a fazer parte da brincadeira, como objeto imaginário com várias funções, como alimentação, remédio, etc. Assim como, as caixas viraram carros, casas, os cachepôs viraram braceletes de super herói, colheres viraram varinhas mágicas, papelão virou colchão, vasilhas de mostarda e catchup viraram instrumentos musicais, entre outras e ressignificações de cada objeto realizadas pelas crianças.

Ao final da atividade, foi satisfatório observar que os objetos e materiais oferecidos, foram explorados de diferentes maneiras pelas crianças. Elas brincaram incansavelmente, interagiram de maneira adequada e respeitosa, possibilitando

interações e diálogos com as pessoas adultas presentes.

Ambas as atividades realizadas, “Pintores em Ação” e “Caixas das Experimentações”, demonstraram assertividade acerca das intervenções realizadas com as crianças, resultado da observação atenta e investigação a partir dos interesses das crianças. Ou seja, o trabalho na Educação Infantil exige um olhar sensível e atento às reais necessidades das crianças e o comprometimento com vivências e brincadeiras de qualidade na construção do conhecimento e na forma como elas se relacionam.

Interações de qualidade: nossa principal busca

Primeiramente, destaco a minha relação com a comunidade escolar, permeada por comprometimento e solidariedade. A professora regente de sala e suas auxiliares demonstraram a todo instante comprometimento para responder minhas perguntas, assim como para me orientar acerca do meu papel frente às rotinas. Orientações que oportunizaram compartilhamento de construções teóricas e enriquecimento empírico vivido por elas durante anos na trajetória escolar. Conselhos e orientações importantíssimas que levarei por toda a minha caminhada que se iniciará enquanto futura pedagoga. A experiência do estágio contribuiu para minha formação e me transformou enquanto ser humano e possível professora de crianças bem pequenas.

Com a professora supervisora pude aprender a importância da rotina, do seu diário e do planejamento de cada vivência. Além da sua interação com as crianças que eram permeadas de empatia, flexibilidade, carinho e cuidado. Foi notório, que as crianças eram o centro das vivências, pois a professora modificou a sua didática diante de cada desafio apresentado pelas crianças, cujo contexto envolviam as interações e as aprendizagens. Conforme dito anteriormente, na turma tinha uma criança boliviana, uma criança com diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA), isso fez com que com que ela demonstrasse preocupação e agisse em prol da inclusão com muita afetividade e respeito. Posso exemplificar, com a inserção de músicas utilizando o idioma espanhol, proporcionando a criança migrante a sensação de pertencimento àquele contexto novo e desafiador para ela. Vale ressaltar mais uma vez que estamos localizados numa cidade fronteiriça e o Centro de Educação Infantil fica num bairro com muitos migrantes residentes e o público da escola consequentemente abarca raízes bolivianas.

As minhas interações com as crianças permeadas pelo sentimento de confiança foram construídas ao longo do dia por meio das aproximações, interações e diálogos. Após a relação de confiança ter sido estabelecida, as crianças começaram a me chamar de “tia”, assim como elas chamam as demais professoras. Na hora não corrigi as crianças pedindo para me chamarem de professora, no momento achei adequado aceitar o chamamento assim como as demais professoras. Naquele momento, me coloquei no papel de estagiária com limitações.

É fato, que Paulo Freire lutava incansavelmente para o respeito ao professor e sua profissão, tanto que em seu livro, “Professora sim, tia não - cartas a quem ousa ensinar” (1997), em seu título afirma seu posicionamento quanto ao uso/atribuição de “tio ou tia” para professores e professoras. Segundo Freire (1997):

O que me parece necessário na tentativa de compreensão crítica do enunciado professora, sim; tia, não, se não é opor a professora à tia não é também identificá-las ou reduzir a professora à condição de tia. A professora pode ter sobrinhos e por isso é tia da mesma forma que qualquer tia pode ensinar, pode ser professora, por isso, trabalhar com alunos. Isto não significa, porém, que a tarefa de ensinar transforme a professora em tia de seus alunos da mesma forma como uma tia qualquer não se converte em professora de seus sobrinhos só por ser tia deles. Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão. Se pode ser tio ou tia geograficamente ou afetivamente distante dos sobrinhos mas não se pode ser autenticamente professora, mesmo num trabalho a longa distância, “longe” dos alunos. (FREIRE, 1997, p. 9)

Diante disso, a afetividade não se resume a chamamentos carinhosos, mas a relação que está posta entre crianças e pessoas adultas. Ser professora na Educação Infantil, ainda exige muita luta pela superação do assistencialismo e reconhecimento da importância do papel da escola para uma educação de qualidade desde a primeira infância.

O educar e o cuidar na Educação Infantil é uma linha tênue que não deve ser dissociada. Assim como, os profissionais da educação por estarem expostos a realidade de cada criança, precisa estabelecer parcerias e compreender o fluxo das redes de proteção à infância, para que situações de vulnerabilidade social não os desestabilizando emocionalmente atravancando o sujeito, movido pelos sentimentos mais profundos, despertados por meio do olhar de uma criança que se mistura a laços

de afeto, fazendo com que se sinta o único responsável pela criança como um todo. Neste contexto, vivenciei situações de desconforto e precisei de respaldo para equilibrar meu lado emocional, sem deixar a afetividade e o vínculo estabelecido com cada criança de lado, dosando esse sentimento de responsabilidade tutelada pelas crianças.

Neste sentido, as orientações de estágio e os diálogos com a professora regente me fez refletir a complexidade do ser professora e a importância da parceria com redes protetivas e compreender os limites da minha futura profissão, sem perder de vista a responsabilidade de luta para que nenhuma criança seja negligenciada em nenhum de seus direitos.

Como mãe de duas crianças atípicas, constantemente em busca de respostas e melhorias para uma educação de qualidade para minhas filhas, tenho atitudes intrínsecas e inerentes a uma mãe atípica, que não somente luta por suas filhas, mas também pelo direito de todos aqueles que necessitam, sendo voz para os que não podem ou não conseguem falar. O ímpeto de superproteção, juntamente com a falta de vivência no cuidado e ensino de crianças pequenas no ambiente escolar, foi potencializado em meio ao conflito emocional de apego maternal em querer cuidar e oferecer condições igualitárias para todas as crianças da turma observada. Contudo, a vontade de progredir na formação enquanto pedagoga se mostrou resiliente na continuidade do processo e desenvolvimento.

A resiliência e a compreensão acerca das atribuições do ser professora, cujas crianças são sujeito de direitos e todas as suas singularidades devem ser respeitadas e os seus direitos garantido me fez esperançosa e motivada a buscar continuamente o meu “constituir-se professora com crianças e redes de apoio” ao longo do meu processo formativo. Diante disso, apresento algumas reflexões coletadas do meu diário de campo no decorrer do estágio.

Os diários de campo: reflexões de uma quase professora.

A professora orientadora fez a proposta de uma escrita de diário com um campo de reflexão pessoal e livre do que nos despertou a atenção no dia a dia do estágio. Essa singela reflexão, escrita de maneira simples e emocionada, propiciou muitos aprendizados que serão resumidos neste relato de experiência. Durante as vivências, tive a oportunidade de passar por situações distintas ao lado da professora,

auxiliares e crianças. O primeiro destaque que faço dessa turma consiste no meu olhar atento ao presenciar a criança boliviana a todo instante interagindo, brincando, aprendendo e ensinando as outras crianças seu idioma e brincadeiras, isso permitiu a reflexão acerca das questões de inclusão e socialização que implica um olhar atento e uma escuta respeitosa a todas as crianças. Naturalizar o uso do espanhol propiciou novos conhecimentos para todas as crianças.

Assim como, a criança TEA, meu segundo destaque, também demonstrava pertencimento à turma a partir das interações e brincadeiras num ambiente seguro, onde todas as diferenças são respeitadas. Uma das ações que me proporcionaram valorizar as ações dessa criança e conquistar sua confiança, foi o planejamento das atividades que partissem dos seus interesses, como: objetos redondos de tamanhos variados que pudessem ser encaixados; vasilhas com tampas e objetos menores para ele pudesse guardar e fazer de chocalho; e principalmente respondendo suas perguntas e dando devolutivas às suas solicitações. Com tais atitudes, consegui desenvolver um vínculo de confiança e afetividade durante o período que passamos juntas, com destaque para qualidades que eram evidenciadas em suas ações.

O terceiro destaque, é que duas crianças tinham mães professoras e se fez necessário a utilização de estratégias para impedir o encontro de crianças e suas mães. Ação utilizada como medida de prevenção a desregulação das crianças durante o dia, evitando crises e choros que comumente observamos. Exemplificando, uma vez presenciei esse encontro em que a criança e sua mãe no trajeto para o almoço no refeitório se cruzaram, a sensação foi de estar em um filme, olhar se cruzando e o choro tomando conta da criança que, conseqüentemente se perpetuou por mais algumas outras dentro do refeitório. As crianças parecem chorar com efeito em cadeia, uma criança chora e as outras acompanham a sinfonia.

O quarto e último destaque se refere às preocupações das professoras acerca do cuidado com a saúde das crianças, sendo essencial a comunicação da gestão com as famílias e o monitoramento da saúde das crianças. Assim como, aprendi que se o lanche ou o alimento for e/ou tiver mamão, é preciso aguardar as crianças fazerem suas necessidades fisiológicas para dar o banho e realizar a troca de fralda, para que as trocas não sejam repetidas em um curto espaço de tempo.

Foram várias experiências vividas, que com certeza ficaram gravadas na minha memória, aprendizados e vivências ímpares no Centro de Educação Infantil, ao lado da equipe escolar e principalmente pela troca de conhecimentos com as crianças.

A teoria histórico-cultural de Vygotsky (APUD AUBERT et al., 1995) esteve presente tanto nas minhas propostas de vivências, como na maioria das vivências conduzidas pela professora da turma. De acordo com AUBERT et al. (1995):

A tese fundamental da perspectiva sociocultural de Vygotsky e de seus colaboradores sustenta que o desenvolvimento cognitivo das pessoas está intimamente relacionado com a sociedade e a cultura. Não é possível entender a mente fora da sociedade. Não podemos estudar a cognição sem estudar, ao mesmo tempo, os contextos de interação social em que ela se desenvolve. Vygotsky explicava isso muito bem através da *metáfora da água*: quando separamos a água em suas partes, oxigênio e hidrogênio, ela muda de forma qualitativa. Os átomos de oxigênio e hidrogênio não são água. Ela é resultado da união deles. Quando concebemos a síntese das partes, conseguimos entender as propriedades da água. E, assim como não podemos separar a água em suas diferentes partes para entendê-la, tampouco podemos separar o indivíduo de seu contexto e entender cada um deles separadamente. A união de uma pessoa com seu contexto social, cultural, histórico e político nos permite entender sua relação dialética. Não é possível entender o indivíduo fora do seu contexto. (AUBERT et al., 1995, p. 85)

Neste sentido, a interação entre eles foi mediada pelo contexto com interações de qualidade entre todos e todas, sendo que as pessoas adultas não foram só observadoras, mas participantes de cada vivência proposta. O brincar e o meio ambiente se fez presente numa região que necessita desse olhar sensível, cuidadoso e comprometido com a preservação do meio ambiente, que é a nossa região pantaneira. Ou seja, estimulamos novas vivências, exploramos o novo e valorizamos a história da criança e sua cultura. Oportunizamos a potencialização de seus conhecimentos por meio da exploração do meio, da observação, da mediação e com isso cada criança foi protagonista do seu conhecimento e valorizada como sujeito de direitos.

Considerações de um caminho percorrido e início de exploração de novas estradas

Os diálogos dentro da sala de aula na universidade que antecederam o início do estágio foram de extrema importância para chegarmos a proposta de um Projeto de Intervenção com foco no despertar da curiosidade epistemológica desde a primeira infância permeado por uma convivência respeitosa entre todas as crianças e as pessoas adultas presentes.

Diante dessa nova proposta de trabalhar por projeto no estágio, posso afirmar que, foi de grande impacto na minha formação, pois identifiquei aspectos de transformação nos meus pensamentos e atitudes enquanto futura pedagoga, provavelmente, isso não seria possível se fosse realizado apenas observações participativas e uma regência.

Os resultados dos diálogos, das proposições e ações foram analisados e pensados, individualmente e coletivamente, numa perspectiva intersubjetiva. O intuito era despertar reflexões para que pensássemos juntos e juntas uma formação que teria impacto futuramente para o aprimoramento da qualidade do ensino ofertado para as crianças na Educação Infantil.

A realização do estágio propiciou um trabalho sério e comprometido sob um olhar atento às diversidades e a importância do respeito e da convivência para valorização de todas as identidades.

Neste contexto, ressalto que as crianças devem ser consideradas sujeitos de direitos, individuais, pensantes, com histórias e culturas diferentes. Saber respeitar e valorizar as particularidades dos sujeitos é defender uma convivência respeitosa num ambiente seguro. Ter a certeza que todos podemos ensinar e aprender, bastando apenas evidenciar as potencialidades de cada um, trabalhando com as habilidades que são próprias e desenvolvendo outras.

Por fim, o estágio propiciou viver o que estudamos nas aulas e enfatizou a importância do despertar nas crianças pelo interesse exploratório e investigativo das coisas ao seu redor. No meu caso, propiciou para todos e todas envolvidas novas experiências com materiais e objetos que possivelmente seriam descartados no meio ambiente corroborando para que por meio de atitudes diárias, o cuidado com o meio ambiente fosse trabalhado desde a primeira infância. Uma educação de qualidade colabora para a formação de sujeitos críticos, pensantes que se dão por meio de ações construtivas, cujas crianças são os personagens principais e serão os protagonistas dos saberes adquiridos e possivelmente os multiplicadores desses conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, Adriana; FLECHA, Ainhoa; GARCÍA, Carme; FLECHA, Ramón; RACIONERO, Sandra. **Aprendizagem dialógica na sociedade da informação**. São Carlos: EdUFSCar, 2016. ISBN 978-85-7600-453-0.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: Ministério da Educação (MEC), 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2024.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<https://www2.senado.gov.br/bdsf/handle/id/572694>>. Acesso em: 28 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2024.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas para quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 1997. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5098764/mod_resource/content/1/Professora %20sim%2C%20tia%20n%C3%A3o%20cartas%20a%20quem%20ousa%20ensinar. %20%281997%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5098764/mod_resource/content/1/Professora%20sim%2C%20tia%20n%C3%A3o%20cartas%20a%20quem%20ousa%20ensinar.%20%281997%29.pdf). Acesso em: 28 ago. 2024.

MELLO, Roseli Rodrigues; BRAGA, Fabiana Marini; GABASSA, Vanessa. **Comunidades de Aprendizagem: outra escola é possível**. São Carlos: EdUSCar, 2012.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2010.